

ATENTADO MOSTRA A VULNERABILIDADE DO GIGANTE AMERICANO

Paul Kennedy

O Estado de S. Paulo, 16 de setembro, 2001.

Às 8h45 da terça-feira, 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos entraram no século 21. A devastação do World Trade Center foi um evento épico. Vinte meses atrás, na festa da entrada do ano 2000, os americanos podiam rejubilar-se na sorte de sua nação, seus recursos materiais, sua tecnologia e poderio militar, que, combinados, faziam dos EUA a mais poderosa e influente nação que o mundo já vira desde os tempos da Roma imperial. A União Soviética tinha se esfacelado e a nova Rússia implodia. A "ameaça" japonesa tinha evaporado. O mundo aderiu ao capitalismo americano.

Na terça-feira, toda essa confiança evaporou em meio às colunas de fumaça do Pentágono e das ruínas do World Trade Center. E dificilmente ela voltará.

Assim que as emissoras de TV mostraram as imagens do segundo avião mergulhando na Torre Sul, os americanos lembraram-se de Pearl Harbor, uma ofensiva-surpresa que roubou a inocência e o senso de segurança da nação.

Mas a analogia com Pearl Harbor é útil apenas como contraste com o que ocorreu no início da semana. Há 60 anos, a resposta ao ataque era óbvia e exequível. Aviões de outro país, o Japão, tinham atacado navios e aviões americanos. Em resposta, os EUA lançaram uma ofensiva militar contra seu inimigo identificado. E como o Produto Interno Bruto americano da época era dez vezes maior que o do Japão, o resultado desse conflito era previsível.

Um país furioso e mobilizado esmagou seu inimigo.

Novo inimigo - E é isso, é claro, que os americanos esperam que o mesmo aconteça agora. Lojas e casas exibem cartazes dizendo: "Sr. Presidente, ataque-os JÁ!" Mas é exatamente aqui que terminam as semelhanças com Pearl Harbor. Desta vez, os EUA não foram atacados pela Força Aérea de outro país, mas por seus próprios aviões comerciais. Os ataques foram perpetrados por terroristas bem organizados que exploraram os pontos fortes dos EUA - tecnologia, sociedade aberta, empresas aéreas de fácil acesso e redes de TV - para espalhar o medo. Este inimigo é descentralizado, difícil de identificar. Não será fácil destruí-lo. Derrotar o Japão foi como acertar um tiro num elefante. Derrotar esses terroristas vai ser como pisar em águas-vivas.

A ironia e impudência do ataque não escapou a ninguém. Há poucas semanas, recalculei o "poderio" americano e a distância que existe hoje entre os EUA e qualquer outro concorrente à hegemonia mundial é impressionante. Os EUA respondem por entre 29% e 30% do produto mundial total, uma porcentagem que vem crescendo em função da paralisação da economia russa e da desaceleração da japonesa. No ano passado, 36% dos gastos militares mundiais foram feitos pelo Pentágono, o que equivale aos orçamentos somados dos nove países que mais gastam com armamentos e defesa, uma proporção que, acredito, jamais foi registrada na história. Sua parcela no uso mundial da Internet é de 40% e, entre 1975 e 2000, ganhou 70% dos prêmios Nobel. Os EUA são o Colosso dos tempos modernos, transpondo o mundo com seus aviões, sistemas de comunicações, corporações e padrões culturais.

Fraquezas - Mas esse Colosso é extremamente vulnerável. Têm um calcanhar-de-aquiles que, em parte, ele mesmo criou. Sua superioridades comercial e cultural e incansável pregação de doutrinas do livre mercado são vistas como ameaça por vários grupos religiosos e de classe, em especial nas sociedades tradicionais. Os críticos dos EUA dizem que suas corporações têm influência demais - e indevida - no veto a acordos internacionais sobre controle do clima, ao forçar a abertura de mercados, ao se impor a governos frágeis do Terceiro Mundo.

Seu irrestrito apoio a Israel arregimenta inimigos no mundo muçulmano. Sua invenção da Internet e seu papel na criação de mercados 24 horas o tornaram um país rico, mas vulnerável à sabotagem. Sua política liberal de imigração (se comparada à dos países europeus) e a abertura de suas universidades a estudantes estrangeiros significam que os EUA recebem pessoas de todo o mundo, algumas das quais podem ser aliciadas pelo terrorismo. Isto não é uma fortaleza, mas justamente o contrário.

Essa contradição entre aparência de inabalável poderio no exterior e a realidade de ter de lidar com a "nova" ameaça do terrorismo em casa não poderia ter encontrado imagem melhor do que o deslocamento de três grupos de batalha para a costa leste após os atentados. Esses potentes navios de guerra - cada grupo inclui um porta-aviões com mais de cem jatos, um cruzador Aegis, vários destróiers e um submarino - constituem um dos mais impressionantes símbolos da presença americana global. São eles que patrulham o Golfo Pérsico e percorrem o Estreito de Taiwan. Não há força marítima capaz de enfrentá-los. Mas esta semana, eles correram para casa, sem que se soubesse qual era a sua missão. Patrulhar os céus sobre a Casa Branca ou ajudar no resgate de sobreviventes do WTC? Não foi para isso que foram projetados.

Despreparo - Isso nos leva à questão crítica de se as Forças Armadas americanas - e por extensão, as forças ocidentais - estão preparadas para as ameaças do século 21. Nos últimos 20 anos, um bom número de especialistas em relações internacionais e militares vêm dizendo que o Pentágono se aferrou demais a estereótipos de combate dos tempos da 2.^a Guerra Mundial e Guerra Fria, relutando em encarar cenários alternativos tanto em termos das origens de conflitos como da natureza dos mesmos.

Ninguém pode assegurar que nunca mais haverá um Estado nazista e é prudente manter efetivos militares como garantia e fortalecer mecanismos de segurança como a Otan e o Conselho de Segurança da ONU.

Mas tanques e forças tarefas não são úteis diante de forças de instabilidade e conflito tais como pressões populacionais, imigração ilegal, desastres ambientais,

desnutrição e violação de direitos humanos - condições que vemos freqüentemente na África, nos Bálcãs, no Haiti e no Oriente Médio, onde jovens recrutados para atentados suicidas podem ser encontrados. Além disso, armas bilionárias de grande porte não têm muita serventia no combate ao crime internacional e aos cartéis das drogas. Além disso, só têm utilidade mediana no combate a atos terroristas.

Mocinho e bandido - Ninguém duvida que Bin Laden e seus seguidores serão perseguidos e que mísseis serão disparados contra encostas e cavernas. Mas como organizações terroristas têm uma estrutura de células, descentralizada, sem um quartel-general, novos líderes surgirão para comandá-las e mais jovens vão partir para a luta. Tanto o presidente Bush quanto a mídia americana falaram em "caçar" os responsáveis, como se terroristas fossem ladrões de banco do Velho Oeste, em fuga a galope para as colinas de Montana e perseguidos pelo xerife. Ah, se fosse assim fácil... As armas e estruturas militares em que o Pentágono investiu não servem para reduzir as fontes de instabilidade, nem para deter terroristas suicidas ou exterminar a ameaça terrorista.

Essa conclusão não é nem nova nem chocante. No início do ano os senadores Hart e Rudman divulgaram um relatório sobre ameaças à segurança nacional, alertando para novos perigos e propondo a reestruturação da defesa. Mas, naquela época, a atenção de políticos e estrategistas estava voltada para a aprovação do escudo anti-míssil de Bush e o alerta dos senadores passou despercebido. Diante da catástrofe de terça-feira e do desejo dos americanos de mostrar solidariedade, ninguém ainda foi descortês o bastante para pedir que Bush ou Rumsfeld explique como um escudo anti-mísseis de US\$ 80 bilhões poderia ter protegido o World Trade Center. Mas a hora de fazer essa pergunta chegará.

É difícil fugir da conclusão de que a ameaça de novos ataques terroristas não só não vai desaparecer, como também não teremos muito sucesso tentando evitá-los. O gênio vingativo escapou da garrafa e o carro-bomba virou avião-bomba. Pior ainda, se o mundo terrorista comemora a morte de milhares de americanos inocentes, por que deveríamos acreditar que usar um avião como arma é o pior golpe que a vilania bem-organizada e implacável pode desfechar? Quem garante que estamos a salvo de atrocidades como explodir uma pequena bomba atômica na Bolsa de Mercadorias de Chicago ou espalhar antrax em São Francisco?

Outros tempos - Os bons tempos de Norman Rockwell do anos 30, quando os americanos se sentiam seguros e satisfeitos consigo mesmos, já tinham sido abalados por Pearl Harbor. Na terça-feira eles foram pelos ares, exatamente como as torres do World Trade Center.

Não é isso que os americanos gostam de ouvir. Soa pessimista demais, derrotista demais. O clamor de todos os lados é por uma reação rápida, algo natural diante do horror que o país viveu. A cultura americana celebra golpes rápidos e decisivos, vitórias retumbantes e muitas de liberdades: ser livre do governo, livre de impostos, livre de interferências internacionais, livre para ter carros com alto consumo de combustível e exigir gasolina barata, ser livre para entrar e sair de aviões com um monte de bagagem de mão, ser livre para se sentir a salvo de qualquer problema externo. A preocupação e o permanente estado de alerta que caracterizam a vida dos moradores de Belfast, Jerusalém ou da Cachemira é algo que a maioria dos americanos jamais vivenciou e não está preparada psicologicamente para enfrentar.

Sangue e suor - Tudo isso deixa os líderes políticos desta democracia com um problema que até agora eles não enfrentaram honestamente. Não disseram ainda, como Winston Churchill, que só têm sangue, suor, trabalho e lágrimas a oferecer. Não disseram que este novo inimigo provavelmente pode ferir muito mais os americanos do que os americanos a eles. Não disseram que antigas verdades talvez não estejam mais de pé e que a antiga estratégia e eficiência militar não nos servem mais.

Não alertaram a população para o fato de que as tradicionais liberdades americanas talvez tenham de mudar. Não disseram que terça-feira, 11 de setembro, os EUA viram de relance o que o século 21 pode estar nos reservando e que o que vem pela frente pode ser mais duro e chocante que o colapso de prédios em Wall Street e um ataque de raspão ao Pentágono.